



Laboratório do Ombudsman: o crítico de mídia no *webjornal* universitário Imperatriz Notícias

Tháisa BUENO¹

Lucas Santiago Arraes REINO²

Universidade Federal do Maranhão – Imperatriz (MA)

Resumo: A proposta deste artigo é relatar a experiência de implantação da função de ombudsman do portal-acadêmico Imperatriz Notícias, do curso de Comunicação Social da UFMA. O exercício, interdisciplinar, teve como foco discutir o formato mais adequado para o exercício da crítica de mídia no ambiente acadêmico, bem como apontar as vantagens e desvantagens dessa iniciativa nos cursos de Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Ombudsman; Imperatriz Notícias; Jornalismo Opinativo; Crítica de Mídia; Jornal-laboratório.

Não é fácil ser ombudsman. Não o é no mercado de trabalho, quiçá no ambiente acadêmico. Inclusive, a história da implantação do cargo mostra que em muitos exemplos a função chegou a ser protelada, ou adiada, quando não excluída, por conta da dificuldade que os jornalistas têm para lidar com as críticas, seja para recebê-las, ou mesmo, para tecê-las. Se é complicado aceitar o olhar do outro em um ambiente profissional, mais delicado ainda é o processo no ambiente acadêmico, afinal, é um momento de aprendizado e não de julgamento.

Assim, a proposta deste artigo é relatar a experiência de implantação de uma coluna de ombudsman no jornal laboratório Imperatriz Notícias, do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFMA (Universidade Federal do Maranhão) e, a partir das conclusões alcançadas com o experimento, fazer uma análise crítica das possibilidades de uso desse modelo de trabalho e suas possibilidades na academia.

O *webjornal* Imperatriz Notícias

¹ Mestrado em Lingüística e Semiótica pela UFMS. E-mail: thaisabu@gmail.com

² Mestrado em Ciência da Informação da UnB. E-mail: lucas@ufma.br



O Imperatriz Notícias³, embora seja um jornal-laboratório vinculado à disciplina de Webjornalismo, é um canal de escoamento da produção dos alunos de outras disciplinas e também de estágio para acadêmicos do sexto semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UFMA, no campus de Imperatriz, cidade de aproximadamente 250 mil habitantes⁴, localizada a 600 quilômetros da capital do Maranhão, São Luís.

Inicialmente o jornal foi pensado como Projeto de Extensão para atender às demandas de cobertura de interesse da sociedade, uma vez que, embora a cidade tenha uma imprensa significativa⁵, em particular nos modelos televisivo e impresso, não possui, pelo menos até o momento da pesquisa, *sites* de notícia de cunho comercial. O único veículo nesses moldes disponível no ciberespaço é o jornal Imperatriz Notícias, inaugurado em 2010.

O endereço do site inclusive foi criado utilizando a denominação padrão de comércio, com o .com.br, para evitar confusões para a maioria das pessoas que já se acostumou a digitar os endereços usando .com.br e manter o perfil de jornal acadêmico de projeto de extensão, que atende a sociedade. (BUENO e REINO, 2011, p.5)

E o alcance do veículo tem sido significativo, com uma média de 13 mil visitas por mês e picos de 100 mil em meses do semestre letivo. De sua criação até o dia 10 de março de 2012 já foram, segundo o Google Analytics, ferramenta de controle de tráfego do site, 427.347 visitas que abriram 695.649 páginas do site, uma média de 1,63 páginas por visita. Também é relevante dizer que, mesmo sendo um jornal voltado para o município de Imperatriz, o sistema aponta visitas de 2.440 municípios brasileiros.

Com tanta visibilidade, o veículo precisa, na mesma proporção, primar pela qualidade dos seus *posts*, que já ultrapassaram a contagem de 4.120 em 2012. Pelo fato de dialogar com a sociedade, e tê-la como público principal, inclusive com espaço para comentários dos internautas, tornou-se uma janela para críticas e referência entre os alunos de Jornalismo.

O espaço para comentários dos visitantes existe desde o princípio do site, contabilizando mais de 2.200 publicados. Alguns foram rejeitados por serem *spam* e

³ www.imperatriznoticias.com.br

⁴ Dados do último Censo, disponível no site: www.ibge.gov.br

⁵ Levantamento do grupo de pesquisa GMídia aponta que atualmente a cidade conta com 15 veículos de comunicação nas mídias tradicionais _ TVs, Rádios e Impressos.



outros por possuírem ofensas. No geral, os comentários se dividem em opiniões relativas ao assunto da matéria, com posicionamentos favoráveis ou contrários, e em críticas à produção jornalística, seja por erros gramaticais ou técnicos cometidos pelos repórteres.

Desta forma, o processo de produção de notícias do site, além da correção do professor da disciplina, também recebia o apontamento público, através de comentários e críticas dos leitores, que nem sempre entendiam questões jornalísticas básicas, mas sendo consumidores da matéria funcionavam como um norte para o controle de qualidade geral. Vale ressaltar, que a internet tem mostrado que o leitor deixou de ser mero expectador dos assuntos noticiados para assumir seu papel proativo.

Na imprensa escrita, é fácil ficar em desacordo com os leitores quando eles encontram algo errado em seu texto. Como jornalista, você fica na defensiva. Os leitores de um blog colaboram com seu texto e ajudam. Eles querem que você dê a notícia correta. (BRIGGS, 2002, p. 06)

Ou tal como pontua Rodrigues (2009, p. 206):

[...] será que meios mais interativos, personalizados, sem limites de espaço, e em tempo real, como o jornalismo na *web*, explodem definitivamente a noção de jornalista como filtro de informação e produtor de relatos baseados na objetividade? Ou, ao contrário, será que a avalanche de informações disponibilizadas na rede pelos mais diversos promotores de notícias e ao alcance direto dos cidadãos não excluídos da cibercultura torna ainda mais necessário o trabalho de seleção, interpretação e certificação de fontes? Enfim, parece-nos oportuno discutir [...] qual é o estatuto desse discurso.

A coluna do Ombudsman

Com essas possibilidades de avaliação já presentes, uma iniciativa de implantar a coluna do ombudsman se apresentou, primeiramente, como uma maneira de fazer crescer a qualidade das produções, afinal, não seria mais apenas o olhar do professor ou dos leitores na análise final das matérias. Além disso, o exercício se mostrou como um ótimo treinamento para que o aluno aprendesse a lidar com críticas e estivesse aberto para dialogar, seja com seus colegas de trabalho, seja com o próprio leitor.

Inclusive, pesquisas voltadas para o estudo da eficácia do ombudsman e sua relação nas Redações mostram que, apesar da resistência inicial e do receio, com o passar do tempo o cargo passa a ser reconhecido como uma ferramenta eficiente na equidade, credibilidade e qualidade do jornal. É assim nos relatos de Mendes (2002),



que fez um levantamento do cargo nos jornais do Brasil; e também no levantamento de Fidalgo (2001), no estudo dos jornais Portugueses.

A clara maioria dos jornalistas que trabalham em jornais com um Provedor do Leitor não só concorda com a sua existência, como reconhece uma grande utilidade e uma razoável eficácia ao papel desempenhado por essa figura autogeradora (FIDALGO, 2011, p.21).

No Brasil, e fora do âmbito acadêmico, os próprios jornalistas de mercado parecem aprovar os bons resultados da prática de crítica diária do seu trabalho. É o que mostra a publicação do site Observatório de Imprensa, ao ouvir funcionários de veículos que instauraram o cargo de ombudsman:

Para Arlen, ‘o ombudsman é um jornalista [...] que nos sinaliza correções de rota, nos passa a visão direta dos leitores, das fontes entrevistadas e, por muitas vezes, reconhece e elogia a qualidade do que foi apresentado aos leitores a cada edição’. Ele admite que a relação pode ser, ‘na maioria das vezes’, conflituosa, mas que ‘felizmente a existência do ombudsman sempre foi entendida no *O Povo*, desde o nascedouro, como importante, necessária e basilar em nosso fazer jornalístico’. E conclui: ‘Hoje não saberíamos conviver na Redação sem um ombudsman; é um referencial importante a ser respeitado. Também entendo que os leitores não conseguiriam mais admitir o jornal sem a existência de um ombudsman.’

Erick Guimarães, editor de Política, diz que os comentários do ombudsman induzem a um debate permanente entre os integrantes de sua equipe pela qualificação do jornal. Ele diz considerar ‘positiva’ a tensão que a crítica do ombudsman provoca. Para Erick, sem crítica constante, ‘perde-se em controle de qualidade’. No mais, diz ele, ‘conflito e tensão fazem parte da atividade jornalística’. (BORTOLOTTI, 2006, [online]).

Mendes (2002) defende em seu estudo que o cargo, quando implantado com as adequações necessárias, é um instrumento positivo também nos veículos acadêmicos. “Com isso, os novos jornalistas se conscientizam da importância da autocrítica e de se ouvir o leitor” (54).

A experiência com o site Imperatriz Notícias vai ao encontro dessa expectativa. O exercício ali aconteceu no segundo semestre de 2011 e uniu duas disciplinas: Laboratório de Webjornalismo, cujas postagens serviram de ferramenta de análise do ombudsman; e Gêneros Jornalísticos, que teve os alunos que ocuparam o cargo de analista das produções.

Ao todo, a disciplina de Webjornalismo mobilizou 42 alunos, com uma produção diária decomposta em oito editorias, nas quais eles se dividiam para publicar



diariamente no site. Foram mais de 400 textos no semestre, sendo que nem todos foram aprovados na avaliação do professor. Já a disciplina de Gêneros Jornalísticos, no módulo Jornalismo Opinativo, contou com 22 participantes e gerou a produção de 11 textos, dos quais cinco foram publicados e discutidos com os repórteres.

Ombudsman para quê?

Definir o que faz um ombudsman e qual o seu papel é uma tentativa controversa. O próprio nome do cargo _ ombudsman⁶, mediador, ouvidor, defensor – já aponta, na raiz da palavra, diferenças sutis sobre qual seria o papel a ser desempenhado.

Embora a parte de tecer críticas às produções midiáticas e posturas editoriais dos veículos seja a sua função mais conhecida, não é a única. Responder cartas dos leitores, produzir colunas semanais, redigir memorandos internos, promover reuniões, organizar conferências são outras atribuições que muitas vezes ficam menos evidentes no cotidiano deste profissional. Entre os modelos que faz uso para pôr em prática seu trabalho estão desde a comparação entre jornais a apontamentos de erros e acertos pontuais de uma cobertura. Há ainda reflexões sobre o próprio trabalho, discussões éticas etc, seja em colunas internas (mais ácidas) até colunas externas (mais polidas).

Com uma variedade tão grande de atribuições e ferramentas, a função do ombudsman também gera discussões sobre o que de fato ela congrega. Um dos pontos mais comuns dessa discussão, nos estudos sobre o assunto, é saber se o cargo é mesmo uma função jornalística. Ao tentar esclarecer o assunto Fidalgo (2001) mostra que apesar das discrepâncias sobre o que faz, ou deveria fazer, um ombudsman, um ponto parece ser unanimidade: cabe a ele apontar falhas e acerto, num olhar crítico sobre a produção do veículo a que está atrelado.

A dúvida por vezes invocada é se alguns destes níveis de actuação não se inserem mais numa lógica de prática de **‘relações públicas’** e menos numa lógica de **“crítica de imprensa”** – a única que, de acordo com estas opiniões, seria a genuinamente expectável de um *“ombudsman”* de imprensa na sua formulação original (FIDALGO apud ETTEMA e GLASSER, p. 56).

E criticar é difícil. Tanto que antes de conseguir implantar o cargo na Folha de São Paulo, primeiro veículo a adotar um ombudsman no Brasil, quatro pessoas convidadas

⁶ De acordo com Mendes (2011) a palavra ombudsman tem origem sueca e significa ‘aquele que representa’. Seu feminino é ‘ombuskvinna’. Foi criado inicialmente no contexto parlamentar, em 1809.



não quiseram aceitar. Motivo: ninguém queria indispor-se com a equipe, formada por colegas, amigos, etc.

As quatro primeiras pessoas convidadas a exercerem a função de ombudsman recusaram a oferta, foram os jornalistas: Luís Nassif, Joemir Beting, Carlos Eduardo Lins da Silva e Augusto Nunes. Só depois de três anos foi possível a criação da função (1989), que teve a frente como seu primeiro ombudsman Caio Túlio da Costa (MENDES, 2001, p. 39)

E esse não foi um fato isolado, uma iniciativa anterior a da Folha de São Paulo também foi deixada de lado por falta de interesse dos jornalistas em assumir o papel. Segundo Mendes (idem), em 1982 o Jornal do Brasil foi o primeiro jornal do país a tentar implantar a figura do ouvidor. Oliveira Santos (s/data) conta que Caio Túlio, o primeiro ombudsman brasileiro só foi chamado por ser considerado ‘chato’. “Ele tinha um enorme talento para prever problemas, mas exercia essa capacidade de um jeito extremamente antipático, sempre provocativo, a tal ponto que, quando irritado, chegava a ser violento” (p.39). Mendes (2001) conta ainda que o Estado de S. Paulo também tentou implantar o cargo, inclusive antes da Folha, mas por atrasos na viabilização do projeto não levou adiante para não dar a impressão de ter copiado seu maior concorrente.

Conforme levantamento do autor, nos dois primeiros anos que ocupou o cargo, Caiou Túlio contribuiu muito para a consolidação da profissão cargo. Tanto que em 1985, pelo menos oito jornais no Brasil já tinham implantado o departamento em sua redação, inclusive alguns no interior do país, como o Folha do Povo (MS), o AN Capital (SC) e O Diário do Povo (Campinas) entre outros.

Mas se o primeiro ombudsman brasileiro serviu de estopim para a implantação de novos cargos pelo Brasil a fora, a experiência também mostrou que é difícil ocupar a função sem desagradar um pouco. Um dos casos mais polêmicos e famosos da experiência pioneira da Folha de São Paulo foram as desavenças com Paulo Francis – colunista do veículo. A discórdia foi tanta que acabou em ataques pessoais. “Fico imaginando aquela cara ferrujosa de lagartixa pré-histórica se encolhendo às minhas pauladas. Caio Túlio me causa asco’ (FRANCIS apud COSTA, 1991, p.138). Mais tarde Caio Túlio dedicou 20 páginas do seu livro “Relógio de Pascal: experiência do primeiro ombusman da imprensa brasileira” a tratar do episódio.



Erbes (1991), num estudo que fez sobre a experiência do primeiro ombudsman nacional, conta que desde a primeira coluna em que Caio Túlio teceu críticas ao articulista, depois de ter recebido várias reclamações de leitores pela forma pouco educada com que este se referia aos membros do PT em suas colunas, a situação ficou tensa entre os dois funcionários da Folha de São Paulo. Entre as reações de Francis, em 1989 ele escreveu que Caio Túlio não tinha “currículo ou gabarito” para criticá-lo e acusou o ombudsman de “ensinar mau jornalismo aos jovens da Folha”.

O ombudsman respondeu nas colunas anteriores com levantamentos de diversos defeitos nos textos do colunista, incluindo equívocos de informação, erros de gramática até alterações de citações famosas, entre elas, de Shakespeare, uma paixão de Paulo Francis. O embate chegou a níveis tão baixos que Caio Túlio chegou a se referir ao colega como “lagartixa pré-histórica” ou “canalha menor”. A troca de farpas acabou em 25 de fevereiro de 1990, com a publicação do texto “Polêmicas” do Manual Geral de Redação”. Ambos tiveram espaço semelhante para colocarem sua opinião e um ponto final no assunto.

Em Campo Grande (MS) as diferenças entre o editor-chefe da redação, José Roberto dos Santos, e o ombudsman, Marcelo Maisonave, também beiraram as ofensas pessoais, incluindo editorial do veículo na Capa para desqualificar o ombudsman que a própria empresa contratou. Maisonave pediu demissão do cargo antes dos dois anos previstos no contrato. Ele, inclusive, não quis continuar com outro cargo na equipe do jornal.

A experiência no Imperatriz Notícias

Em proporções menores, é claro, a implantação do exercício de crítica não foi também das mais amenas. Durante a produção semanal, os alunos foram avisados que seria feita uma coluna do Ombudsman para cada editoria e que todas que estivessem de acordo com as exigências da disciplina de Gêneros Jornalísticos seriam publicadas no site. A primeira reação dos repórteres do Imperatriz Notícias foi de se posicionar defensivamente, já justificando possíveis erros e desqualificando os responsáveis pelo trabalho de ombudsman.

Como parte dos debates foram feitos por grupos de discussão por e-mail, seguem alguns dos posicionamentos:



Olha professor, é preciso que a gente entenda as críticas, mas os alunos de gênero também precisam entender que este trabalho não é puramente crítica negativa, as críticas também são positivas, e digo isso porque já passei por essa disciplina e vi que muitos não entenderam assim. (REPÓRTER A)

De posse da coluna os alunos começam a rever seus erros, levantar os motivos de alguns, mas ainda com certa dificuldade para aceitar as críticas:

Como nossa editoria iria publicar todos os dias se não tínhamos repórteres para isso? Na matéria da REPÓRTER B foi avisado pra ela tirar os dois pontos, por que fica ruim no título. O ombudsman diz que tá faltando, afinal, qual é o correto?

Agora falando da minha matéria, feita sobre esportes na Beira-rio, eu não tinha câmera fotográfica pra levar. Ocorreram problemas e peguei a foto do Google. Eu posso ter errado mesmo em não ter colocado Foto: Google, fora que ninguém sabe onde colocar os créditos nas fotos, coisa que os ombudsman tanto estão reclamando. É no mesmo local que se põe a legenda que deveríamos colocar o nome do fotógrafo? Eu não sei.

Acho que se queremos um ombudsman para o site, deveria ser alguém de dentro da disciplina, que entenda os contratempos e saiba o que realmente acontece ali. Para quem está de fora é muito fácil criticar de forma negativa. (EDITOR B)

Após a defesa do editor, o próprio repórter reviu seu texto já com mais distanciamento, possibilitando uma análise mais fria e racional:

Acho que minha matériazinha sobre supino não ficou boa mesmo, falta de interesse de minha parte. Por algumas dificuldades da vida às vezes fica complicado fazer as matérias, por mais simples que sejam. Sou atenta a essas questões de pontuação, ortografia. Leio, releio o texto; é claro que sempre tem um ponto (.) que não deveria ser colocado ali, uma vírgula (,) sobrando. Todo mundo erra. Acho que a gente tem que ser humilde nessas horas não é? A foto foi um "desleixo" meu... Estava sem câmera e peguei uma foto qualquer, sem maiores comentários. A correção da matéria não me surpreendeu. É assim que se aprende. E dá-lhe correção! (REPÓRTER B)

Em alguns casos, como esse, foi preciso vir uma opinião de um colega jornalista para a reflexão do repórter alcançar esse ponto. A crítica de leitores costuma ser mais genérica, sem colocar pontos relativos à produção jornalística. A crítica vinda do professor, além de ser passível de falhas, também já é carregada de um relacionamento de constante correção que pode também vir atrapalhar o entendimento.



Após o primeiro contato, os próprios alunos debateram uma melhor postura com relação à coluna, reconhecendo sua importância e defendendo o processo:

O pessoal ‘paga’ de maduro, mas não aceita críticas. Ficar olhando alguém com rabo de olho só por causa disso é no mínimo infantil.

Com o tempo todos vamos perceber melhoras. Com as críticas vamos tentando melhorar. É óbvio que a Tháisa não vai aprovar nada ofensivo. Não digam que não faz sentido alguém do 4º período avaliar matérias de alguém do 7º. Até um leitor leigo vai perceber alguns erros, ou até notar que não nos esforçamos totalmente.

É algo novo, inovador no nosso site e em Imperatriz. Se somos críticos com os outros é bom aceitarmos que também sejam com a gente. Ou vai dizer que você nunca achou uma matéria de um colega ruim? (REPÓRTER D)

E na mesma defesa:

Todo mundo vai errar, vai ser criticado no trabalho, na faculdade, na rua, alguém vai rir da sua matéria e blá blá blá. Paciência, alguns erros nós realmente temos que ficar atentos, vamos melhorando e por aí vai, é vida meu povo. (REPÓRTER E)

Enxergando os erros e os acertos

Do outro lado da equipe, os alunos de Gêneros Jornalísticos também ficaram receosos com a atividade. Boa parte da equipe de críticos de mídia posicionou-se relutante em tecer julgamentos e ter de conviver com os colegas que avaliaram. O fato de a coluna ser publicada no site gerou um certo desconforto porque representou uma exposição mais ampla do posicionamento defendido em sala, durante a leitura das publicações.

Em geral, as críticas são mais severas e menos embasadas no debate oral. A escolha pela coluna pública, escrita, foi uma forma de criar na equipe o senso de responsabilidade sobre o dito e de polidez para a defesa dos argumentos. Neste sentido a proposta do exercício acabou contribuindo para discutir-se em sala de aula questões sobre ética, isenção e responsabilidade, afinal, uma crítica gratuita e sem embasamento, mais que causar uma desavença entre colegas, poderia comprometer toda a proposta do exercício.

Para dar mais confiança ao grupo foi importante entender o papel e a história do cargo no Brasil, bem como a necessidade de se aceitar que é possível fazer melhor e



buscar sempre um trabalho final mais competente. Como defende Noblat (2003), um jornalista não deve ignorar seus erros, mas aprender com eles e, sobretudo, confessá-los.

A figura do ombudsman representa bem isso: a busca pela qualidade. Isso fica mais claro nas orientações do cargo difundidas pela *Organization of News Ombudsmen* (ONO), órgão criado na década de 1980 para discutir a prática nos veículos mundiais. Conforme explica Santos (2000), a entidade aponta como sendo objetivo do ombudsman de Jornal:

Aperfeiçoar a equidade, exatidão e responsabilidade do jornal; aumentar sua credibilidade; investigar todas as queixas e recomendar ação corretiva quando for o caso; alertar o diretor de redação sobre todas as queixas; fazer conferências ou escrever para o público sobre as linhas, as posições e as atividades do jornal; e defender o jornal, publicamente ou em particular, quando for o caso. (OLIVEIRA SANTOS, 2000, p.270)

Na busca por melhorar a qualidade do que se postava no Imperatriz Notícias, as colunas escritas pelos ombudsmans durante a experiência, todas, apontaram equívocos, mas também teceram elogios aos produtos. A ideia era que o ombudsman mostrasse soluções e reconhecesse o que era bem feito. Entre os apontamentos mais comuns, um chamou bastante atenção, por tratar da importância de o repórter ser metuculoso e mais perfeccionista na sua produção, ainda que se tratasse de um jornal movido pela instantaneidade, como é o caso dos veículos online.

Em uma das colunas, intitulada “Editoria de esportes na peneira do ombudsman”, o assunto tratado foi justamente o preciosismo que o repórter deve ter com o texto. Os apontamentos mostraram que a falta de esmero pode comprometer e anuviar um bom trabalho.

Na matéria do dia 20 de outubro, que tratou sobre a prática de esportes na Beira-Rio, o texto está bem escrito, fluente, sem erros gramaticais e com interação entre título, foto e texto. No entanto, a foto se encontra sem legenda e crédito. Uma foto sem crédito é, de certa forma, uma falta de respeito para com o fotógrafo e desvalorização do seu trabalho. A ausência da legenda acarreta deficiência de informação ao leitor (OMBUDSMAN A).

Outro ponto alto da experiência foram as colunas em que os críticos, mais que apontar erros, sugeriram soluções. Ao indicar soluções ao trabalho dos colegas, o acadêmico resgata da sua experiência o conhecimento necessário para a prática do bom



jornalismo. Foi o que aconteceu com a coluna “Editoria de Polícia: em transição e sem humanização”.

Para enriquecer mais o texto o repórter poderia ter ouvido um representante da classe comercial, alguém da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) ou mesmo um comerciante. Deveria também ter buscado informações consistentes na Secretária de Segurança Pública, sobre o que tem sido feito para combater a falta de segurança na cidade e não se restringir somente a informações da Polícia Militar. O local em questão poderia ter sido usado como gancho para questionamentos de melhorias na segurança. (OMBUDSMAN B).

Saber reconhecer os acertos também fez parte dos exercícios. “Textos bem escritos e boa gramática fazem da editoria de economia uma ótima fonte de informação” (OMBUDSMAN C). E além de discutir questões pontuais das coberturas postadas no site, alguns colunistas dedicaram suas análises para ponderar sobre a linha editorial do veículo. Isso mostra amadurecimento do grupo e respeito à proposta apresentada ao leitor. É que se percebe no comentário: “Primeiramente, por se tratar de um jornal online, a editoria peca por não se atualizar diariamente” (Ombudsman A).

O mesmo é possível notar no comentário que reconhece a boa escolha editorial do veículo:

Feito por estudantes da disciplina de Webjornalismo, o site “Imperatriz Notícias” inova por ter uma coluna direcionada exclusivamente à tecnologia e ciência. A sacada é inédita, tendo em vista que nenhum outro site local trata do assunto dessa forma! (OMBUDSMAN C).

No fim, os acadêmicos que tiveram suas matérias avaliadas pelos colegas ombudsmen também reconheceram a validade do trabalho, em alguns momentos cobrando, inclusive, o funcionamento do site, que não era atualizado diariamente como foi recomendado, ou revendo as posturas editoriais, como na crítica à editoria de Polícia, que era pouco humanizada. A preocupação com o fato de serem avaliados constantemente os fazia ter uma preocupação maior com o que postavam.

Nessa primeira semana gostei das matérias, as ideias ficaram boas, mas ainda podemos evoluir muito. Vamos procurar trabalhar com um maior número de fontes? Vamos fazer fotos exclusivas? **Vamos fazer o ombudsman se ajoelhar aos nossos pés?** Estamos em uma editoria chata, difícil, mas que podemos mostrar muita coisa diferente, um Jornalismo Policial que não existe em nossa cidade. O princípio das teorias sobre essa categoria do jornalismo é de que ela não deve ter somente o cunho



policialesco, mas trabalhar questões ligadas à políticas de segurança pública. 'Fatos de polícia decorrem de tráfico e consumo de drogas, crimes sexuais, fugas de prisões, violência policial, acidentes (trânsito, transportes, aviação, de construção civil), corrupção, estelionato, assaltos, jogos proibidos, fraudes (das mais diversas), desfalques, contrabando, etc.' [Hélio Ademar Schuch – Professor de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina] (EDITOR B – *grifos nossos*)

Conclusão

O ambiente acadêmico não é para acertos ou erros, é para experimentos, para aprendizado. Os estudantes entram na sala de aula a cada dia mais buscando por respostas prontas, por verdades absolutas. Não é essa a proposta da universidade. Cabe menos ao professor treinar uma técnica e mais incentivar o processo de como pensar autonomamente e de forma científica.

No exercício realizado em conjunto entre as duas disciplinas, acadêmicos de ambas as turmas tiveram a oportunidade de desenvolver suas ideias e produzir conteúdo jornalístico de forma crítica e autoral. Os trabalhos de cada turma, produzidos independentemente, auxiliaram no aprendizado coletivo, e a multidisciplinariedade trouxe o sentimento de realidade mais próximo para os estudantes.

O filósofo Karl Popper, em seu racionalismo crítico, defendia que as ideias precisam ser colocadas em documentos, em meios em que elas pudessem ser questionadas, refutadas, onde elas pudessem florescer e gerar sementes que criariam novas ideias. O jornalismo corrobora essa ideia. Um bom jornalista não pode ter medo de críticas, ele precisa é ter humildade para aprender mais e coragem para entender que o seu ponto de vista pode e deve ser questionado. Ele não deve ter medo do leitor, afinal, é para ele que se escrevem as matérias, as manchetes. Ele não pode ter medo das novas ideias, porque é da liberdade, criatividade e ousadia que surgem novas pautas, novos formatos e modelos de contarmos nossas histórias. E, sobretudo, o jornalista não pode ter medo de assumir posicionamento, porque deve ser pautado pela responsabilidade e pela ética.

Assim, ao colocar os alunos em papéis reais de editor, repórter ou ombudsman e publicar a produção feita por cada um foi uma experiência que fez com que os futuros jornalistas desenvolvessem suas capacidades de forma mais ampla, deixando o ambiente até certo ponto seguro da sala de aula, para atingir outros acadêmicos e também a sociedade.



Para os professores a experiência foi valiosa no sentido de transformar disciplinas separadas por quatro semestres em disciplinas irmãs, onde foi possível fazer a prática e a teoria trabalharem juntas, inclusive preparando melhor os alunos que virão dentro de algum tempo trabalhar no papel de repórter do jornal online.

A prática do jornalismo é social, não é apenas uma pessoa em frente à uma máquina escrevendo textos. Ela depende de relações, novas ou antigas, com fontes, colegas e leitores, talvez essa tenha sido a maior contribuição dessa experiência para os acadêmicos de ambas as turmas: é preciso ser jornalista sem esquecer que estamos em uma sociedade, que escrevemos para outras pessoas, que há críticas e elogios, que somos humanos e que nosso trabalho se desenvolve através da prática e da relação dele com os que o consomem.



Referências

BORTOLOTTI, Plínio. **A voz dos ouvidores**. Observatório de Imprensa. 09/05/2006 na edição 380. [online]. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/plinio_bortolotti_32394. Acessado em 10 de março de 2012.

BUENO, Thaísa; REINO, Lucas Santiago Arraes. **Análise da usabilidade no webjornal Imperatriz Notícias**. Intercom 2011. Portal. Disponível em: http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/lista_area_DT01.htm. Acesso em: 11/03/2012.

BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0 - Como sobreviver e prosperar**. Creative Commons, 2007.

ERBEES, Luiz Carlos. O ombudsman na Folha. Disponível em http://www.oocities.org/br/luiz_erbes/ombu4.html. Acessado em 10 de março de 2012

FERREIRA, Frederico Machado; COSTA, Rubens Junior. **O papel do ombudsman no jornal-Laboratório**. Portal. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/8/84/GT5- IC- 01- O_papel_do_ombudsman-Frederico_e_Rubens.pdf. Acesso 10/03/2012.

FIDALGO, Joaquim. **O Provedor do Leitor visto pelos jornalistas: resultados de um inquérito de opinião**. Comunicação apresentada ao Painel Temático 3 / Jornalismo, II Congresso da SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação – “Rumos da Sociedade da Comunicação” Lisboa, 15-17 de Outubro de 2001.

MENDES, Jairo Faria. **O ombudsman e o leitor**. Belo Horizonte: O Lutador, 2002, 104p.

_____. **Como deve ser o ombudsman no jornal laboratório?** Artigo apresentado no fórum de professores de Jornalismo, de 2002, em Porto Alegre.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.



OLIVEIRA SANTOS, Newton Cesar de. **A hora e a vez do leitor.** In: Anuário de Jornalismo. Faculdade Cásper Líbero, ano II, Nº 2.

RODRIGUES, Marília Giselda. **O sujeito-jornalista no discurso do ombudsman da Folha de S. Paulo.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPG LAEL/PUC-SP), 2009.